XVII SIIU
Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo
21 a 22 agosto 2025
CAMPINAS VALENCIA
19 a 20 junho 2025
DOI: 10.5821/siiu.14059

OS CARTÕES POSTAIS PAULISTANOS FOTOGRAFADOS POR GUILHERME GAENSLY

PEREIRA, Renata Baesso[1]
SOUZA, Rodrigo Henrique Busnardo de [2]

Abstract
Photographer Guilherme Gaensly dedicated much of his work to producing photographs of the city of São Paulo's urban landscape from the turn of the nineteenth century to the twentieth century and produced postcards in series. Dozens of these postcards are part of existing collections in São Paulo. This article aims to observe and shed light on some photographs recorded by Gaensly in the city of São Paulo. From an analysis of the beginning of the industrialization process in the town of São Paulo and its rapid urban evolution that occurred from the end of the nineteenth century, it is possible to reveal what kind of "ideal city" Gaensly registered and produced in his postcards, from the historical, touristic and propagandistic point of view. The analysis of these postcards of São Paulo allows a reflection on which were the privileged places of the city from various points of view – social, urban, architectural, tourist, and above all, visual in the face of the process of modernization of the urban infrastructure and which became illustrated postal correspondence. The analysis of postcards also reveals the interest in disseminating images of a new modern metropolis, in complete urban and industrial evolution, urbanly equipped and seductive, from a technological point of view.

Keywords: *History of urbanism in Brazil, photography, postcards, city of São Paulo.*

Abstract
O fotógrafo Guilherme Gaensly dedicou grande parte de sua obra produzindo fotografias da paisagem urbana da cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o século XX e produziu cartões postais em série. Dezenas destes postais fazem parte de acervos existentes na cidade de São Paulo. O objetivo deste artigo é observar e dar luz a algumas fotografias registradas por Gaensly na cidade de São Paulo. A partir de uma análise sobre o início do processo de industrialização da cidade de São Paulo e sua rápida evolução urbana ocorrida a partir do final do século XIX, é possível revelar que tipo de "cidade ideal" Gaensly registrou e produziu em seus cartões postais, do ponto de vista histórico, turístico e propagandístico. A análise destes postais de São Paulo permite uma reflexão sobre quais eram os locais privilegiados da cidade sob vários pontos de vista – social, urbano, arquitetônico, turístico e sobretudo visual diante do processo de modernização da infraestrutura urbana e que se tornaram correspondências postais ilustradas. A análise de postais também revela o interesse na divulgação de imagens de uma nova metrópole moderna, em plena evolução urbana e industrial, urbanamente equipada e sedutora, do ponto de vista tecnológico.

Palavras-chave: *História do urbanismo no Brasil, fotografia, cartões postais, cidade de São Paulo.*

[1] Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Escola de Arquitetura, Artes e Design, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Grupo de pesquisa: História das Cidades: Ocupação Territorial e Ideários Urbanos, https://orcid.org/0000-0003-2690-158X, Brasil, renata.baesso@puc-campinas.edu.br.

[2] Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Escola de Arquitetura, Artes e Design, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Grupo de pesquisa: História das Cidades: Ocupação Territorial e Ideários Urbanos, https://orcid.org/0000-0002-2338-3812, Brasil, robusnardo@uol.com.br.

Área temática: *Cidade.*

Subárea temática: *Teoria e Histórica da cidade.*

1. Introdução

Quando a fotografia foi oficialmente inventada na França, em 1839, ela já se via vinculada à cidade moderna e ao urbanismo, pois a primeira "foto" registrada na histórica foi fixada em uma placa de estanho, em 1826, que mostrava uma paisagem urbana avistada por uma janela, em Saint-Loup-de-Varennes. Tal vínculo se deu primordialmente por consequência das técnicas fotográficas ainda em fase de experimentações, pois uma revelação demorava horas para ocorrer e, por isso, os fotógrafos recorriam aos cenários estáticos, totalmente contemplados nas paisagens urbanas.

Mais tarde, a fotografia se tornou um poderoso processo de documentação de paisagens urbanas, de cidades transformadas por intervenções e/ou planos urbanísticos, de arquiteturas tidas como modernas, tudo isso com atuações de arquitetos e engenheiros, sobretudo a partir das duas primeiras décadas do século XX.

Zita Possamai (2008) revela que desde os primórdios da fotografia, as cidades foram tratadas como "objetos privilegiados" pelos fotógrafos. Cita as atuações de fotógrafos internacionais que foram contratados por órgãos governamentais, para exemplificar os casos mais significativos na história do registro imagético e/ou documental entre a fotografia e a cidade.

> Concebida inicialmente como espelho do real, a fotografia foi revestida de um caráter documental, sendo chamada a dar conta das profundas e rápidas transformações pelas quais passavam as grandes cidades. Era comum as administrações municipais contratarem fotógrafos a fim de registrar bairros inteiros que sofreriam reformas urbanas [...]. No mesmo sentido cientificista dado a ela no que se refere à cidade, a fotografia foi utilizada para documentar os monumentos urbanos com o propósito de registrar fielmente seus mais recônditos detalhes, visando à posterior restauração deles. Ainda na perspectiva de registro objetivo da realidade, a fotografia foi utilizada para a elaboração de imagens arquitetônicas, condicionando a determinados padrões as vistas urbanas produzidas (Possamai, 2008, p. 68-69).

Natalia Brizuela (2012) define o "viajante-fotógrafo" ou o fotógrafo paisagista como aquele que trazia para perto lugares distantes, eliminando desta forma o espaço, e que "era possível viajar através de cópias exatas de objetos distantes, reproduções que não eram abstratas como os mapas, tampouco versões subjetivas como desenhos, litografias" (Brizuela, 2012, p. 36).

Em sua tese de doutorado intitulada "O postal em seus movimentos: comunicação e memória", defendida em 2009, Caroline Sotilo descreve os cartões postais como uma febre mundial, inventada ainda no século XIX. Era uma nova forma de comunicação que possibilitava a mensagem rápida através de correspondência, onde fotografias de diversos gêneros eram reproduzidas à exaustão no mundo todo.

> Tal febre parte da necessidade de informação visual, que tomou conta da sociedade na passagem do XIX para o XX promovendo grandes mudanças comportamentais e culturais, presentes ainda hoje em nossa sociedade. O cartão, neste contexto, assumiu não só a ideia de rapidez, mas também de troca informacional, em que é possível conhecer o mundo, compartilhar do espírito moderno, ser cosmopolita, além da construção da própria identidade cultural (Sotilo, 2009, p. 07).

A função de um cartão postal, que é fazer o remetente enviar ao destinatário uma fotografia contendo em seu verso mensagens textuais curtas e objetivas e sem a necessidade de envelopamento postal, mudou a forma de comunicação entre as pessoas. Aliás, os sistemas postais mundiais tiveram de se modernizar diante de uma demanda de tantos postais enviados diariamente. Por serem padronizados e dispensarem envelopes, os postais eram mais baratos que outras formas de correspondências, como o telégrafo, por exemplo. A expansão do serviço postal no mundo fez com que novas agências fossem criadas e novas rotas fossem ampliadas.

E é neste contexto que aparece a figura do fotógrafo suíço Guilherme Gaensly (1843-1928). Gaensly veio para o Brasil em 1848, ainda menino, com sua família que se instalou na cidade de Salvador (Bahia). Segundo Boris Kossoy (2002, p. 155), no final da década de 1860, Gaensly iniciou-se na profissão de fotógrafo na capital baiana, firmando parcerias com outros fotógrafos e, no início da década de 1890, inaugurou o ateliê fotográfico denominado Gaensly & Lindemann na cidade de São Paulo.

Na capital paulista, Gaensly foi contratado pela *The São Paulo Railway, Light and Power Company Limited* para fotografar os diversos trabalhos desenvolvidos pela empresa: transformações urbanas através de obras de implantação de linhas de bondes elétricos, iluminação pública, instalações de casas de máquinas, interiores de oficinas de manutenção urbana, construções de barragens e de hidrelétricas no estado de São Paulo (Kossoy, 1988).

Kossoy conta que Gaensly, além de atuar neste ofício de caráter corporativista, trabalhou em uma nova produção paralela, através de cartões postais, de incentivo particular e também à base de patrocínios de diferentes naturezas (casas editoras, firmas comerciais e provavelmente o próprio governo local).

> Tal expansão, fruto de uma moda internacionalmente difundida – a cartofilia – de se colecionar postais dos mais diferentes lugares, temas e gêneros ou, mesmo, como meio de correspondência subitamente preferido pela maioria das pessoas em todos os países. O fotógrafo aproveita-se do momento, e faz publicar suas imagens em diferentes séries de postais e em impressos de maior formato como os que originaram a coleção aqui estudada (Kossoy, 1988, p. 18).

As contribuições teóricas de Fraya Frehse acerca dos cartões postais paulistanos que utilizavam fotografias de paisagens locais, referenciadas num espaço-tempo e capturadas em determinado momento histórico, revelam que tais imagens tinham a intenção de fazer com que o remetente propiciasse ao destinatário vivenciar a paisagem "*in loco*". A difusão dos cartões postais era meramente mercadológica e visava apresentar ao mundo a reconfiguração de uma cidade que antes era tida como colonial e que, naquele instante, apresentava-se como industrial e moderna.

> Levando-se em consideração que os cartões dotados de reproduções fotográficas começam a difundir-se em São Paulo nos anos finais do XIX, produzidos que são para um mercado fortemente marcado pela atuação de imigrantes europeus, principais editores e compradores dos postais, cabe analisar se, enquanto documentação iconográfica "moderna" da cidade daquele momento, este material veicularia, para a *sociedade da época*, basicamente representações visuais de uma Paulicéia "moderna" por excelência – e portanto, distanciada dos referenciais culturais rurais e escravocratas de seu passado colonial (Frehse, 2000, p. 127-153).

O que se objetiva neste artigo é dar luz a alguns cartões postais produzidos por Guilherme Gaensly, sobre a paisagem urbana da cidade de São Paulo entre o final do século XIX e início de século XX, uma vez que historicamente se apresenta como um período de intensas transformações na cidade, ligadas a uma série de acontecimentos como a instalação das vias férreas na cidade e no estado; o fim da escravidão e o emprego de mão-de-obra assalariada e imigrante nas lavouras; o intenso fluxo imigratório e a criação de vilas operárias e de cortiços em bairros já estabelecidos; a ascensão e queda da economia cafeeira e a Grande Depressão da década de 1930; o processo intenso de instalações de novas indústrias; finalmente, a reconfiguração dos espaços urbanos ligada às significativas alterações na legislação urbanística, bem como na forma de pensar a cidade, sobretudo nas ações de ordem sanitária implantadas desde a última década do século XIX (Santos, 2005, p. 206).

Nesse período, São Paulo reconfigurava-se rapidamente, passando de uma cidade de aspecto colonial para a maior metrópole industrial do Brasil (Reis, 2004). Atrelado a tudo isso, o processo mundial de revelação fotográfica ficava ainda mais popular e menos caro, do ponto de vista das cópias reproduzidas. Vale lembrar que, até mesmo após as primeiras décadas do século XX, apenas a burguesia mundial tinha acesso pessoal à fotografia de retratos e de paisagens.

Uma vez que as fotografias de Gaensly estão salvaguardadas em diferentes entidades arquivísticas, partiu-se, portanto, da escolha do acervo a ser pesquisado: o acervo digital do Museu Paulista – USP (s.d.), detentora de 105 imagens de cartões postais de autoria de Gaensly.

A escolha das imagens seguiu o princípio temático após análise dos cartões postais disponíveis na plataforma: vistas panorâmicas da cidade, paisagem urbana adensada e paisagem urbana ligada a parques e jardins.

Quanto às vistas panorâmicas, foi escolhida uma imagem panorâmica da Avenida Paulista, realizada em data incerta, provavelmente na década de 1910.

Com relação à paisagem urbana adensada, em se tratando da cidade de São Paulo no início do século XX, a imagem da rua 15 de Dezembro, sem data definida, foi escolhida para representar este tema escolhido.

Por fim, foram escolhidas três imagens do Jardim da Luz para representar o tema paisagem urbana ligada a parques e jardins.

2. Avenida Paulista

Vários fotógrafos paisagistas da época tinham quase que uma obrigação de produzir imagens panorâmicas, mesmo quando este processo carecia de técnica apurada do profissional, além dos equipamentos fotográficos especiais (câmeras, lentes, reveladores e papéis especiais). Atrelado a isto, o posicionamento do fotógrafo e de seus equipamentos no momento da captura da imagem deveria ocorrer num plano bem mais elevado, em relação ao cenário a ser fotografado, garantindo assim uma perspectiva "aérea" que visa dar amplitude à fotografia.

Um caminho primitivo de nome Real Grandeza era trilha onde boiadas eram conduzidas rumo ao matadouro. Segundo Kossoy (1988), em 1890 os empreiteiros Joaquim Eugênio de Lima, José Borges Figueiredo e João Augusto Garcia adquiriram imensa área no local e urbanizaram-na, criando assim um novo bairro na cidade. A Avenida Paulista foi inaugurada em 1891, com quase 3 quilômetros de extensão e 30 metros de largura, onde também foi construído um parque que tomava um quarteirão inteiro.

> Toda arborizada e ligada ao centro pelo serviço de bondes, inicialmente a tração animal e, a partir de 1900. pelos veículos elétricos da The São Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd., a Avenida Paulista tornou-se o ponto mais aristocrático da capital. Nela se instalaram as sofisticadas mansões da nova burguesia ligada às atividades comerciais, industriais e financeiras como as dos Condes Francisco Matarazzo (Indústrias Matarazzo), Pinotti Camba (tecidos) e Alexandre Siciliano (Companhia Mecânica e Importadora), a de Adam Von Büllow (Companhia Antarctica Paulista), entre muitas outras das quais poderíamos destacar as de Horácio Sabino e Alexandre Thiollier (Kossoy, 1988, p. 82).

Maria Cecília Naclério Homem, em seu livro "O Palacete Paulistano" (2010) tipifica moradores e suas construções. Eram famílias tradicionais e de origem alemã e judaica. Empresários do ramo comercial, industrial e do agronegócio construíram seus palacetes com estilos arquitetônicos diversificados que sugeriam os países de origem.

> Ostentavam uma decoração mais profusa e exuberante. Com cerca de dois quilômetros de extensão, essa avenida apresentava um grande número de residências. Eram vilas pompeianas, neoclássicas, florentinas, neobizantinas, inspiradas no Renascimento francês ou no estilo Luís XVI, etc., aos quais viria juntar-se o art nouveau. O conjunto, dos mais harmoniosos, impressionava pelo fausto e pelo luxo, tendo rivalizado com a Avenida Higienópolis (Homem, 2010, p. 189-191).

Esta fotografia de Gaensly mostrando a Avenida Paulista em sua perspectiva panorâmica evidencia a harmonização entre o espaço construído e os respectivos projetos paisagísticos dos palacetes e a arborização pública. Kossoy salienta que esta imagem específica chamou atenção da autora Marie Robinson Wright que a utilizou em seu livro "The New Brazil" (1907 De fato, esta fotografia apresentava ao mundo um novo Brasil, do ponto de vista urbano voltado para as cidades que estavam se industrializando. Se o Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil e que se modernizou graças sobretudo ao pensamento intelectualmente engajado nas experiências das viagens internacionais que seu imperador D. Pedro II realizou ao longo de sua vida, principalmente na segunda metade do século XIX, a cidade de São Paulo viu seu processo de modernização ocorrer sobretudo a partir do início do século

XX, graças à força financeira do agronegócio, do comércio e da indústria que permitiu a criação de novos bairros, a expansão da área central e seu entorno, além de oferecer melhorias nas áreas públicas de transporte, iluminação, saneamento etc.

De acordo com Kossoy, essa imagem é uma vista tomada em direção à Rua da Consolação, possivelmente da esquina da Alameda Amparo, onde havia o palacete da Adam von Büllow. “Foi, possivelmente dos altos de sua rebuscada mansão que Gaensly tirou esta foto da avenida” (Kossoy, 1988, p. 82).

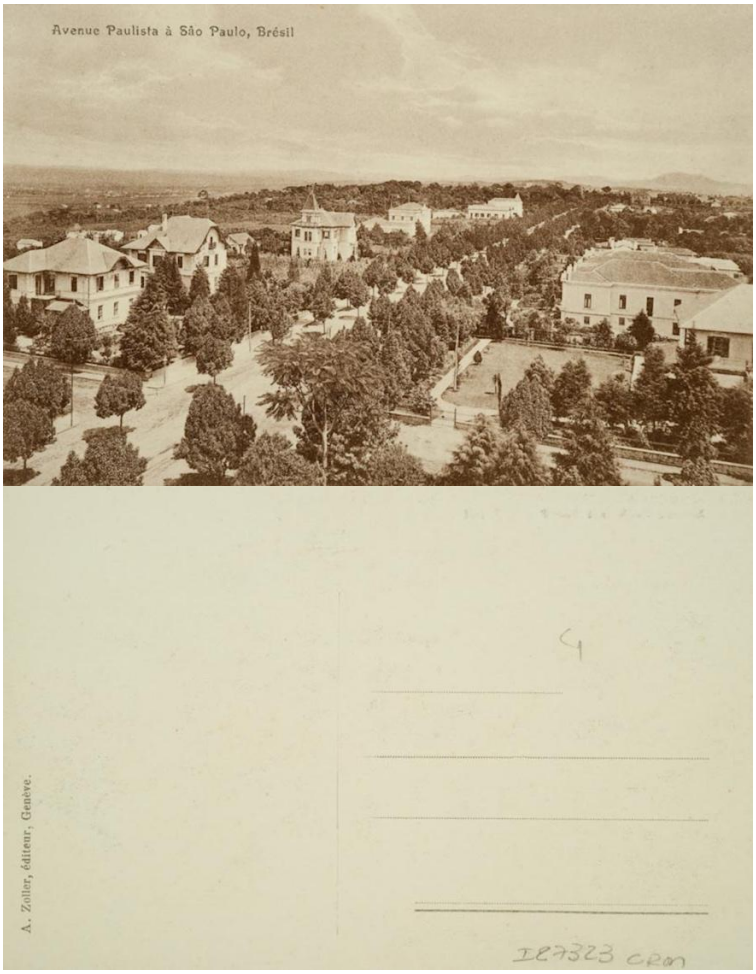

Fig. 1 *Cartão Postal (frente e verso) “Avenue Paulista À São Paulo, Brésil”, fotografado por Guilherme Gaensly, sem data. Fototipia 9 cm x 13.9 cm. Código 1-07323-0000-0000.* Fonte: Acervo Digital do Museu Paulista (USP, s.d.)

3. Rua 15 de Novembro

Anteriormente denominada Rua Manoel Paes de Linhares, Rua do Rosário, Rua da Imperatriz, é uma das mais antigas vias públicas da cidade que se originou no século XVI por conta de um primitivo caminho que comunicava o Largo da Sé ao Largo do Rosário. Junto da Rua Direita e da Rua São Bento, formavam no centro antigo o tradicional Triângulo, de ocupação mista (residencial e comercial), antes do período de grande expansão do centro (Kossoy, 1988).

É uma rua relativamente curta e estreita, cuja extensão chega a ter aproximadamente 360 metros, e sua largura irregular não foi alterada até então.

Kossoy revela que a partir da década de 1890, prevaleceu a função comercial neste logradouro e, neste novo contexto, a Rua 15 de Novembro “configurou-se como a mais importante via pública da capital”. Nela se instalaram o maior número de bancos, escritórios comerciais e profissionais, as mais elegantes lojas de moda, os melhores cafés e restaurantes” (Idem, 1988, p. 32).

Curiosamente, a Rua 15 de Novembro abrigava a sede do ateliê de Guilherme Gaensly, como consta de uma publicidade veiculada em uma revista da época.

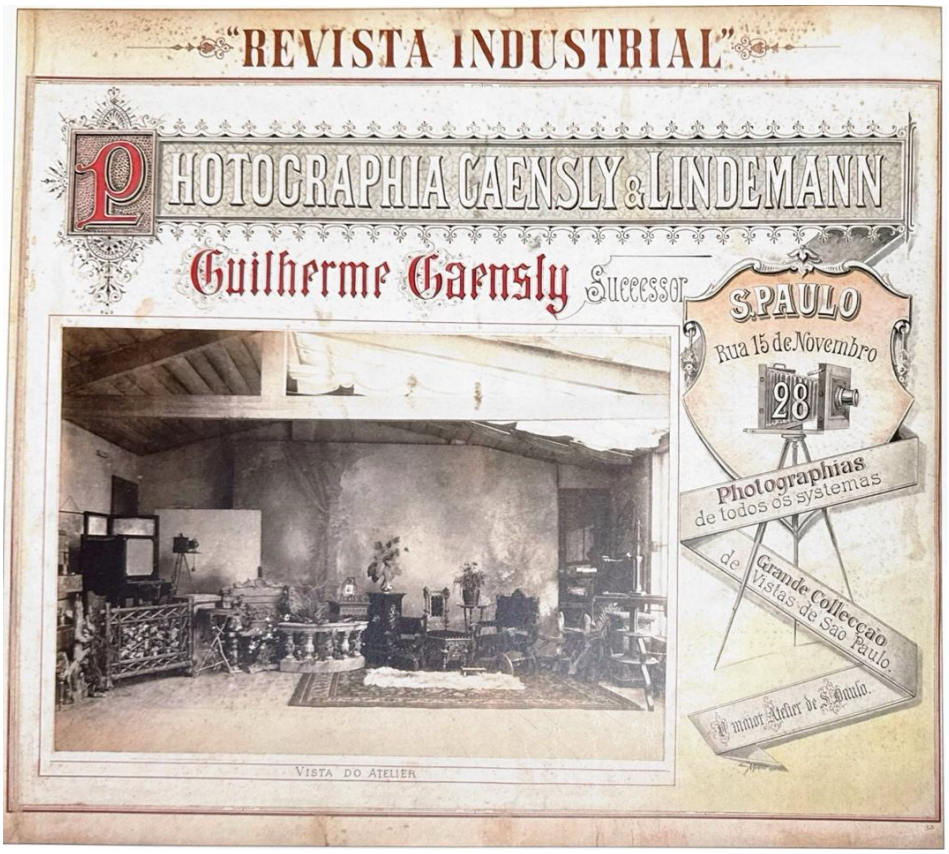

Fig. 2 *Propaganda do Estúdio de Photographia Gaensly, na Revista Industrial, álbum organizado por Jles Martin, ca.1900. Acervo do Museu Paulista da USP (s.d.).* Fonte: FERRAZ (Org.), 2001, p. 64

No momento em que a fotografia foi tirada por Gaensly, a rua estava preenchida por dezenas de transeuntes que andavam não só pelas calçadas, mas também pela rua. Ao fundo, um bonde compõe o cenário. Não é possível definir se aquele carro já era movido a eletricidade ou a tração animal. Os prédios da rua abrigavam estabelecimentos comerciais de pequeno, médio e grande porte, ou seja, desde cafés, restaurantes, charutarias, joalherias, livrarias até bancos, hotéis, redações jornalísticas, a sede do Jockey Club e os escritórios de arquitetura de Ramos de Azevedo.



Fig. 3 *Cartão Postal (frente e verso) "Rua 15 de Novembro I", fotografado por Guilherme Gaensly, em 24/02/1903. Fototipia 13.9 cm x 9.1 cm. Código 1-09552-0000-0000.* Fonte: Acervo Digital do Museu Paulista (USP, s.d.)

4. Jardim da Luz

Denominado Jardim Público, o mais antigo parque público da cidade foi construído em 1825 a partir do Horto Botânico com viveiro de mudas de plantas, este equipamento ficou popularmente conhecido como Jardim da Luz, por situar-se no bairro da Luz e era tradicionalmente um ponto de encontro e visitação na cidade, tornando-se verdadeiramente um "cartão de visita da cidade de São Paulo" (Kossoy, 1988).

Após grandes reformas ocorridas na década de 1870, através da gestão do "presidente da província de São Paulo", João Theodoro Xavier de Mattos, o Jardim recebeu grande atenção do prefeito Antônio da Silva Prado em sua gestão 1899-1911: foi completamente remodelado, através de uma sucessão de obras executadas logo nos primeiros anos do século XX. Kossoy registra as seguintes obras: "calçamento e assentamento de guias e sarjetas nas alamedas, recuperação dos antigos tanques e

construção de novos, edificação de abrigos metálicos, aquisição de centenas de bancos para serem espalhados ao longo das vias internas e bosque, além dos devidos cuidados com a vegetação, merecendo total reformulação o paisagismo segundo 'padrões ingleses'" (Kossoy, 1988, p. 58).

Entre as obras de melhoramentos, destacaram-se o coreto, obra de 1902 do arquiteto Maximiliano Hehl; a instalação de iluminação a gás, para adequar o local às audições noturnas que a prefeitura autorizava e/ou promovia; e a inauguração de um botequim dentro do Jardim da Luz, com acordo entre a prefeitura e o proprietário da Fábrica de Cerveja Bavária, Henrique Stupakoff.

No site oficial da prefeitura, a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (Prefeitura de São Paulo, s.d.) informa que o Jardim da Luz possui área total de 76.885,62 metros quadrados, é aberto ao público e foi tombado em 1981 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT.

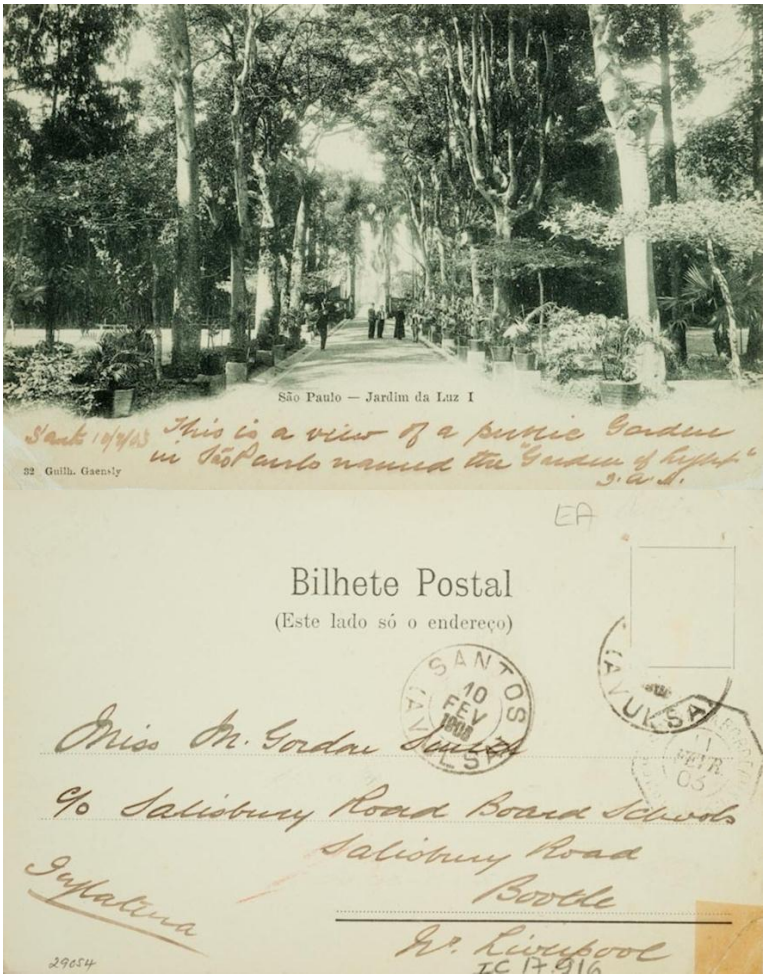

Fig. 4 *Cartão Postal (frente e verso) "São Paulo – Jardim da Luz I", fotografado por Guilherme Gaensly, em 10/02/1903. Fototipia 8.9 cm x 13,9 cm. Código 1-17916-0000-0000.* Fonte: Acervo Digital do Museu Paulista (USP, s.d.)

DOI: 10.5821/siiu.14059



Fig. 5 *Cartão Postal (frente e verso) "São Paulo – Jardim da Luz II", fotografado por Guilherme Gaensly, em 04/01/1904. Fototipia 9 cm x 14 cm. Código* 1-17965-0000-0000. Fonte: Acervo Digital do Museu Paulista (USP, s.d.)



Fig. 6 *Cartão Postal (frente e verso) "São Paulo – Jardim da Luz III", fotografado por Guilherme Gaensly, em 10/02/1903. Fototipia 8,9 cm x 14 cm. Código 1-17919-0000-0000.* Fonte: Acervo Digital do Museu Paulista (USP, s.d.)

5. Considerações finais

Guilherme Gaensly atuou como fotógrafo em Salvador desde o final da década de 1860 até os primeiros anos da década de 1880, quando viu na cidade de São Paulo um futuro promissor nos negócios. Kossoy afirma que Gaensly começou a se interessar pelo mercado fotográfico paulistano porque a cidade estava sendo totalmente moldada pela economia cafeeira, seja pelo crescimento urbano, pela expansão comercial e pelo "boom" populacional.

Especialista em fotografias de paisagens, Gaensly se estabeleceu em definitivo na capital paulista e produziu imagens icônicas daquela São Paulo que encantava o mundo pela velocidade de seu desenvolvimento. As séries de cartões postais, de acordo com Kossoy (2002, p. 159), foram produzidas num contexto claramente promocional, porém em nada diminuíram seu valor iconográfico, pois as imagens que o fotógrafo registrou daquela São Paulo foram elaboradas com muito cuidado "tanto pelo aspecto técnico como pelo estético".

De fato, Gaensly produziu vários cartões postais pensando a cidade com viés turístico e propagandístico e, diante disso, selecionou os logradouros mais atraentes, do ponto de vista da beleza urbana que se fazia presente na "elegante e movimentada Rua Quinze, a mais importante artéria da cidade naquele momento" (Kossoy, 2002, p. 158), na Avenida Paulista – a mais burguesa daquela época –, e no mais antigo parque público de São Paulo, reformado havia pouco tempo.

Os cartões postais não só facilitaram a comunicação mundial como também estimularam os correios a se tornarem mais eficientes, acessíveis e inovadores, contribuindo para sua modernização já no início do século XX. Com a modernização do mercado gráfico de impressão, os cartões-postais apresentavam imagens cada vez melhores e produção em larga escala, ao passo que os correios tiveram que se adaptar a esse novo formato, modernizando seus sistemas de triagem e distribuição.

A maioria dos cartões postais que apresentavam imagens de paisagens urbanas e rurais tinha o objetivo de promover as cidades, com sua cultura local, suas paisagens e seus pontos históricos. O que Gaensly promoveu com seus cartões postais aqui demonstrados foi uma São Paulo próspera, desenvolvimentista, europeizada, apta a se tornar uma metrópole elitista, fadada a ser uma megalópole "desvairada", como assim o é nos dias atuais.

6. Referências

BRIZUELA, N. (2012). *Fotografia e império: paisagens para um Brasil moderno* (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles.

FERRAZ, V. M. de B. (Org.) (2001). *Imagens de São Paulo – Gaensly no acervo da Light – 1899-1925.* São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo.

FREHSE, F. (2000). Cartões postais paulistanos na virada do século XX. Horizontes Antropológicos, *6*(13), 127-153.

HOMEM, M. C. N. (2010). *O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

KOSSOY, B. (2002). *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro*. São Paulo: Instituto Moreira Sales.

KOSSOY, B. (1988) *São Paulo, 1900 – imagens de Guilherme Gaensly*. São Paulo: Kosmos.

POSSAMAI, Z. R. (2008). Fotografia e cidade. *ArtCultura*, *10*(16), 67-77.

REIS, N. G. (2004). *São Paulo: vila, cidade, metrópole*. São Paulo: RESTARQ/ Vila das Artes.

SANTOS, F. A. (2005). Urbanização e salubridade na cidade de São Paulo, 1911-1930. In: *XXIII Simpósio Nacional de História – História: Guerra e Paz* (Vol. 1, p. 206). Londrina: Editorial Mídia.

SOTILO, C. P. (2009). *O postal em seus movimentos: comunicação e memória*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP].

WRIGHT, M. R. (1907). *The New Brazil, Its Resources and Attractions, Historical, Descriptive and Industrial* (2ª ed., rev. and enl.). London: George Barrie & Son.

6.1. Fontes eletrônicas

PREFEITURA DE SÃO PAULO (s.d.). *Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambien*te. Disponível em: *https://capital.sp.gov.br/web/meio_ambiente* (Acesso: 13/04/2025).

USP (s.d.). Acervo Digital do Museu Paulista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, USP. Disponível em: https://acervoonline.mp.usp.br (Acesso: 10/04/2025).*